



O Brasil como parte da América Latina: o projeto identitário-integracionista de Leopoldo Zea

Luciano dos Santos

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG)

Doutorando em História Social Universidade de São Paulo (USP)

professorlucianosantos@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar o discurso identitário-integracionista do filósofo mexicano Leopoldo Zea e como esse incorporava o Brasil à ideia de latino-americanidade. Buscamos mostrar que através de um processo de identificação/diferenciação seu discurso construía os Estados Unidos da América como *outro* da América Latina e, ao mesmo tempo, buscava identificar o Brasil a América Hispânica. Nesse processo a apropriação e ressignificação que ele fez dos pensadores hispano-americanos, bem como as ideias de mestiçagem, problemas históricos comuns, e, sobretudo, as leituras e a relação que estabeleceu com a intelectualidade brasileira foram importantes fatores para a incorporação do Brasil ao seu discurso de identidade e integração latino-americana.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, Integração pela Cultura, América Latina, Brasil, Leopoldo Zea

ABSTRACT: This article aims to analyze the identity-integrationist of the Mexican philosopher Leopoldo Zea and how it was in Brazil to the Idea of Latin Americaness. We seek to show through an identification/differentiation process of his speech done in the United States like the other in Latin America while looked for to identify from Brazil to the Hispanic America. In this process the appropriation and reframing the he has done of Spanish-American thinkers as well as mixed ideas, common historical problems, and above all, the readings and the relation established with Brazilian intellectuals which were important to internalize Brazil's speech of Latin American Integration.

KEYWORDS: Identity, Integration by Culture, Latin America, Brazil, Leopoldo Zea

A integração da América Latina: o Brasil como problema

Um dos grandes problemas para se pensar a integração plena da região denominada desde o século XIX como América Latina, é a própria incorporação do Brasil a essa dita latino-americanidade, isto é, à própria ideia de América Latina¹. Desde o período de independência das colônias espanholas e portuguesa na América, até muito pouco tempo – talvez com exceção do

1 Um dos primeiros a estudar a formação da ideia de América Latina foi Arturo Ardao, para mais detalhes ver: ARDAO, Arturo. *Genesis de La Idea y el nombre de America Latina*. Caracas-Venezuela: Centro de Estudios Latinoamericanos Romulo Gallegos, 1980. Entre outros estudos mais atuais que tratam do Brasil e a ideia de América Latina ver também: BETHELL, Leslie. O Brasil e a ideia de América Latina em perspectiva histórica. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, p. 289-321, jul/dez 2009.



MERCOSUL – não se efetivou um projeto de integração em que o Brasil se visse, ou fosse visto, de fato, como parte constitutiva e orgânica da ideia de América Latina.

Não só o modelo de colonização criados pelas metrópoles ibéricas – que desenharam limites não apenas geográficos, mas também culturais e políticos –, como também os meios pelos quais se chegou à independência e, sobretudo, os tipos de regimes políticos construídos em uma e outra porção da América – Monarquia no Brasil e República da América Hispânica –, como lembra Maria Lígia Prado, deram início a um verdadeiro fosso de separação que se fez presente durante todo o século XIX, fazendo o Brasil ser e, ao mesmo tempo, não ser América Latina².

Na realidade, houve e ainda há uma busca de integração e/ou associação subcontinental. Todavia, a grande maioria não tem sido verdadeiramente concretizada. Historicamente, a integração buscada tanto no nível político quanto e, principalmente, pelo econômico não tem sido efetivamente alcançada, ora por interesses particulares ditos nacionalistas, ora por imposições e impossibilidades externas.

No Brasil do século XIX, os *hommes de lettres*, a elite pensante e dirigente, sempre se voltaram mais para a identidade nacional e, muito pouco, ou quase nada, para a subcontinental. Desde a independência os projetos e as preocupações políticas, assim como também as intelectuais, foram voltados para dar unidade à gigantesca nação que se formava e impedir sua fragmentação. Haveria que garantir a unidade nacional do Brasil: revoltas separatistas foram contidas, símbolos nacionais criados, tradições inventadas, histórias construídas, heróis e mártires imortalizados. Os símbolos de afirmação da nação brasileira eram mais necessários que as ideias e afirmações supranacionais. Na verdade, no século XIX, a América Hispânica, em muitos casos, foi construída como *outra* da identidade nacional brasileira³.

Consolidada a nação e tempo depois vencido o regime monárquico haveria então possibilidade de pensar o Brasil na América Latina. Entretanto, mesmo no final do XIX – e ainda no início do XX – após a queda da monarquia não se nota uma grande aproximação das duas regiões, salva em raras e complicadas exceções, a exemplo, da visita de Campos Sales a Argentina (1900), que gerou várias visões positivas nos relatos dos jornalistas da época – como, por exemplo, Arthur Dias⁴ –, ou mesmo as críticas ao imperialismo dos EUA e proposta do ABC

2PRADO, Maria Lígia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*. Humanitas Publicações FFLCH. São Paulo, n.145, 2001, p.127.

³ PRADO, Maria Lígia C. O Brasil e a distante América do Sul, p.131.

⁴ Para mais detalhes ver: BAGGIO, Kátia Gerab. Dos Trópicos ao Prata: viajantes brasileiros pela Argentina nas primeiras décadas do século XX. *História Revista*. Goiânia, v.13, n.2, p.425-445, jul/dez 2008.

(Argentina, Brasil e Chile) de Manoel Oliveira Lima (1867-1928) e algumas proposições (Males de origem) de Manoel Bomfim (1868-1932). Todavia, todas não tiveram grande repercussão, ou foram combatidas pelos destacados nomes da intelectualidade brasileira da época, sobretudo, por Silvo Romero (1851-1914)⁵ e por Joaquim Nabuco (1849-1910)⁶.

Contudo, é importante destacar que o problema não se encontrava somente do lado brasileiro, a maioria dos projetos identitários e de integração criados e defendidos pela intelectualidade hispano-americana também pouco buscou explicitamente incorporar o Brasil. Segundo Arturo Andrés Roig⁷, Simon Bolívar (1783-1830) não só se preocupava com os Estados Unidos da América do Norte, senão também tinha certos receios com relação ao gigante do sul de colonização portuguesa e de regime monárquico.

Do mesmo modo, o projeto do argentino Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) de criar os Estados Unidos da América do Sul, não falava de “incorporação” do Brasil, ao contrário, o colocava exatamente como modelo a não ser seguido, a *alteridade* do projeto argentino⁸. Mesmo os intelectuais latino-americanos mais críticos do século XIX, como o cubano José Martí (1853-1895) e o uruguaio José Enrique Rodó (1872-1917), não incorporavam o Brasil de modo evidente e destacável em seus projetos de América⁹.

No entanto, em meado do século XX este dilema começa a sofrer relativa modificação. O problema da incorporação do Brasil à América Latina deixa de ser visto como elemento complicador para se fazer, cada vez mais, um elemento dinamizador, um problema a ser solucionado. Diversos elementos concorreram para isto: a crise econômica de 1929 que fez o Brasil “buscar” possíveis parceiros na América do Sul e aumentar as relações diplomáticas entre os países latino-americanos (com destaque para as Missões Culturais Brasileiras); as duas Guerras Mundiais que “abalaram” a ideia de superioridade civilizacional da Europa frente aos outros

⁵ REIS, José Carlos. Manuel Bomfim e a identidade nacional brasileira. In: LOPES, Marcos Antônio. *Grandes nomes da História Intelectual*. São Paulo: Contexto, 2003, pp. 493-505.

⁶ Ver: BAGGIO, Kátia Gerab. Duas interpretações brasileiras sobre a América Latina no final do século XIX e início do XX: Joaquim Nabuco e Manoel de Oliveira Lima. In: Jaime de Almeida. (Org.). *Caminhos da História da América no Brasil: tendências e contornos de um campo historiográfico*. Brasília: Editora da UnB - ANPHLAC, 1998, p. 79-93.

⁷ ROIG, Arturo Andrés. La idea latino-americana de América. *Latinoamérica*. Anuario de estudios latino-americanos. México, n° 10, p. 28-35, s/d.

⁸ Uma das grandes estudosas do olhar de Sarmiento sobre o Brasil é a professora Maria Elisa Noronha de Sá Mäder. Dentre seus vários trabalhos ver: MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. *Civilização e barbárie: a construção da ideia de nação Brasil e Argentina*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. Ou seu artigo: MÄDER, Maria Elisa Noronha de Sá. Olhares cruzados: Sarmiento e o Império do Brasil. In: VIII Encontro Internacional da ANPHLAC. 2008, Vitória. *Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC*. Vitória: ANPHLAC, 2008, p.1-16.

⁹ Segundo Eugênio R. de Carvalho a expressão *Nuestra América* nasce das experiências de vida de Martí em Cuba, México, Guatemala, Venezuela e em outras regiões da América Central e do Caribe, em uma nítida preferência por representar “povos castelhanos, América Espanhola, Hispano-América”. Para mais detalhes ver: CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Nossa América: A Utopia de um Novo Mundo*. São Paulo: Garibaldi, 2001, p.56-57.



povos; os movimentos de nacionalismo cultural; a criação da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), a *circulação de ideias* provocada pela tradução de obras de intelectuais de ambas porções da América Ibérica, como também pelas circulação de revistas em âmbito continental (*Cuadernos Americanos*, *Revista mexicana de Sociología*, *Desarrollo Económico*, entre outras); o contexto político da Guerra Fria e os exílios forçados de muitos intelectuais provocados pelos regimes militares na América Latina. Todos esses acontecimentos contribuíram para a criação diversas iniciativas e projetos que buscavam aproximar o Brasil aos demais países da América Latina.

Neste contexto, sobretudo nos anos 50 e 60 do século XX, começa a se formar aquilo que o historiador francês Jean-François Sirinelli¹⁰, chama *redes intelectuais*. Diversos intelectuais em suas construções (discursos, projetos, representações e utopias) passam a incorporar o Brasil à América Latina. São muitos os nomes de ambos os lados (brasileiro e hispano-americano) que pensaram a América Latina incluindo o Brasil e, em alguns casos, construíram um discurso de identidade e integração latino-americana, a exemplo poderíamos citar: José Vasconcelos (1881-1959); Celso Furtado (1920-2004), Aldo Ferrer (1927), Otavio Ianni (1926-2004), Leopoldo Zea (1912-2004), Darcy Ribeiro (1922-1997), Renato Ortiz (1947) entre outros.

Neste artigo não analisaremos todos estes intelectuais, centraremos nossas atenções no projeto identitário-integracionista de Leopoldo Zea¹¹ e como sua leitura e contato com intelectuais brasileiros possibilitou a incorporação do Brasil ao seu projeto.

Por mais que Zea não tenha escrito uma obra exclusivamente sobre o Brasil, ou mesmo que seu principal objetivo fosse integrar o Brasil à ideia de América Latina, suas relações com os intelectuais brasileiros e, sobretudo, sua proposição de América Latina como sendo uma América Mestiça, em oposição ao que ele chamava de América Saxônica, o levou a pensar o Brasil como parte de seu projeto identitário, embora de forma utópica e pouco crítica sobre o desenvolvimento histórico brasileiro.

Para analisar esse projeto identitário, adotaremos uma perspectiva teórico-metodológica que poder-se-á denominar interdisciplinar, pois lançaremos mão das teorias sociológicas e

10 SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996, p. 248-249.

¹¹ Leopoldo Zea nasceu em 1912 na Cidade do México e morreu em 2004 na mesma cidade. Foi professor de filosofia da Universidad Nacional Autónoma del México, Secretário de Relações Internacionais do México, Diretor do Centro de Estudos latino-americanos, fundou e dirigiu diversas organizações (*Comité de Historia das Ideas*; SOLAR; FIEALC e CCyDEL), publicou mais de 50 livros e 180 artigos e ensaios, recebeu inúmeros prêmios e vários títulos de *Doutor Honoris Causa* em diversas universidades do mundo (Grécia, França, Espanha, Rússia, Cuba, Venezuela, Argentina, Uruguai).



antropológicas sobre a construção das identidades culturais, sobretudo as construções teóricas de Stuart Hall¹², Kethryn Woodward¹³, Jorge Larrain Ibañez¹⁴ e Manuel Castells¹⁵, como também as proposições do campo das teorias e análise dos intelectuais e suas construções (ideias, conceitos, discursos e linguagens)¹⁶.

A formação do intelectual latino-americanista: tempo de crise, tempo de identidade

Uma das formas de entender como se deu a construção do projeto de América Latina de Leopoldo Zea é compreender o *itinerário* de sua formação e desenvolvimento intelectual. Em outros termos, o contexto cultural, a circulação das ideias, a agitação e efervescência própria das primeiras décadas do século XX até sua primeira metade. Pois esse período foi marcado pela crise de identidade.

Segundo Stuart Hall¹⁷ e Jorge Larrain Ibañez¹⁸, a identidade cultural só se torna um problema quando está em crise, quando algo, supostamente fixo e imutável vive a experiência da dúvida, quando as referências que guiavam a vida e o pensamento entram em crise. Isto ajuda-nos a explicar como um discurso filosófico, que classicamente deveria construir explicações de caráter universal e abstrato, se transformou em um discurso identitário regional.

Em nosso entendimento foram os acontecimentos sociais e políticos, bem como o tipo de formação intelectual que Leopoldo Zea teve ao estabelecer diálogo com os intelectuais de seu tempo, que o levaram a construir uma narrativa histórico-filosófica de caráter altamente identitário e integracionista. Nossa proposta de análise não é defender um determinismo do

¹² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997 e HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000, p103-133.

¹³ WOODWARD, Kethryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000, p. 07-72.

¹⁴ LARRAIN IBAÑEZ, Jorge. *Modernidad razón e identidad en América Latina*. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1996.

¹⁵ CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

¹⁶ SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual: entre questionamentos e perspectivas*. Campinas: Papirus, 2002. KOSELLECK, Reinhart. *Futuro pasado: Para una semántica de los tiempos históricos*. Barcelona: Paidós, 1993. ORLANDI, Eni P. (org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas-SP: Pontes, 1993. MANHEIN, K. A Sociologia. In: FORACCHI, Marialice Mencarini (Org). *Mannhein*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1982.

¹⁷ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, p.09.

¹⁸ LARRAIN IBAÑEZ, Jorge. *Modernidad razón e identidad en América Latina*, p.130.



sociológico¹⁹, mas sim interconectar contexto social – juntamente com as sociabilidades intelectuais, a circulação das ideias, o contexto de produção – a interpretação de uma obra. Acreditamos que para a leitura de uma obra intelectual, a partir de uma perspectiva histórica, é interessante empreender esse exercício metodológico. Como lembra Helenice Rodrigues, a história intelectual deve levar em conta a dimensão sociológica, histórica e filosófica capaz de explicar a produção intelectual²⁰.

No decorrer de sua longa vida é certo que Zea vivenciou vários contextos de crise de identidade, mas dois foram fundamentais para a sua formação intelectual latino-americanista. O primeiro foi, indubitavelmente, o contexto da Revolução Mexicana. Para além de sua efetiva efervescência social e política nas lutas armadas entre os vários grupos e facções que desejam tomar o poder, essa revolução não se limitou simplesmente a esse aspecto. Junto a toda luta armada travou-se também uma “batalha” no nível da cultura. Um movimento que remodelou o pensar no México, fez nascer um nacionalismo-universalista que influenciaria muito fortemente toda a geração pós-revolucionária, criando aquilo que Karl Mannheim definiu como *comunidade geracional*²¹, unidade de perspectivas da qual Zea faria parte.

O “grupo concreto” que deu início à formação da comunidade geracional nacionalista mexicana foi o *Ateneo de la Juventude*. Antes mesmo que a Revolução calcasse seus passos na luta armada de forma mais efetiva, um grupo de jovens intelectuais – Antonio Caso²², Pedro

¹⁹ Um dos grandes críticos dessa concepção é François Dosse. O historiador francês critica as perspectivas de *campo intelectual* em Pierre Bourdieu. Para mais detalhes ver: DOSSE, François. *La Marcha de las Ideas*. Historia de los intelectuales, historia intelectual. Valência: PUV, 2006, p. 56.

²⁰ SILVA, Helenice Rodrigues da. *Fragmentos da história intelectual*, p. 12.

²¹ A partir de Karl Mannheim, entendemos que a “comunidade geracional” por mais que seja baseada em vínculos que modelam o grupo, atuando como um elemento integrador e constitutivo dos indivíduos, construindo certa unidade de pensamento, ela não implica nenhuma unanimidade postulada entre seus membros, mas sim respostas plurais a perguntas comuns de um tempo partilhado. Mas como dirá Mannheim “a unidade de geração como a descrevemos não é, enquanto tal, um grupo concreto, embora realmente tenha como núcleo um grupo concreto que desenvolveu as novas concepções mais essenciais, as quais subsequentemente foram desenvolvidas pela unidade”. MANHEIN, Karl. *A Sociologia*, p.90.

²² Antonio Caso (1883-1946), foi um dos filósofos mais destacados do México no período revolucionário, se formou na Escola Preparatória em direito, mas logo se dedicou exclusivamente à filosofia. Caso, juntamente com os membros do *Ateneo*, lutou fortemente contra o positivismo que servia como justificativa ideológica para a ditadura e oligarquia porfirista. Foi um filósofo aberto a diversas correntes filosóficas (Meyerson, Husserl, Heidegger e outros, mas era, primeiramente, influenciado pela filosofia de Boutroux e Bergson). De suas principais publicações destacam *La existencia como economía, como desinterés y como caridad* (1919), *Discursos a la nación mexicana* (1922); *México y la ideología nacional* (1924); e *México, apuntes de cultura patria* (1943). Segundo o próprio Zea, Caso, como membro de sua geração, estava preocupado com os problemas da cultura mexicana e, como expressão mais ampla, os da cultura latino-americana. Acreditava que era altamente necessário partir do concreto, da realidade imediata, que em seu caso era o México, para chegar-se ao universal. ZEA, Leopoldo. *Sentido y proyección de la conquista*. México: FCE, 1993, p.96.

Henriquez Ureña²³ e Alfonso Reyes²⁴, em 1909, já começava a lançar voz de mudança. Com o desenrolar da Revolução foi sendo construída uma verdadeira geração intelectual nacionalista. Uma grande quantidade de intelectuais mexicanos promoveu uma valorização – ou em alguns casos uma releitura – do elemento mexicano na literatura, na arte, na filosofia e na historiografia. Leopoldo Zea, que nessa época iniciava sua formação intelectual, entrou em contato com toda essa efervescência cultural – leu as obras de José Vasconcelos e participou do círculo intelectual de Antonio Caso e Samuel Ramos²⁵ – e também vivenciou a fase mais violenta da Revolução²⁶.

Além disso, a chegada ao México de um grupo de intelectuais exilados em função da ditadura do general Francisco Franco, também contribuiu para a formação latino-americanista de Zea. Destaque para o filósofo espanhol José Gaos (1900-1969)²⁷, que cedo direcionou o jovem estudante de filosofia para as reflexões voltadas para compreender o desenvolvimento do pensamento e das ações políticas no próprio México e o colocou em contato com as obras de Georg W. F. Hegel (1770-1831), bem como as do historicismo alemão – sobretudo, Wilhelm Dilthey (1833-1911) – e do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955). O contato com esses pensadores marcaria profundamente a obra de Zea.

²³ Pedro Henríquez Ureña (1884-1946), pensador dominicano que se destacou na história intelectual mexicana, por suas ações no *Ateneo de la Juventud* e, conseqüentemente, na “Revolução da cultura” dentro da Revolução mexicana. Colaborou com Vasconcelos em diversos movimentos mexicanos e depois foi para a Argentina, onde trabalhou como professor e investigador. Dedicou-se mais a literatura latino-americana, área em que publicou *Las corrientes literarias en la América hispánica* (1949) e *Historia de la cultura en la América hispánica* (1959).

²⁴ Alfonso Reyes (1889-1959) foi um homem de letras mexicano em toda a extensão do que este qualificativo implica: poeta, prosista, ensaísta e orador, foi também embaixador do México em diversos países da América. Conhecia como poucos o pensamento latino-americano, contudo, era também altamente aberto à literatura e pensamento estrangeiros.

²⁵ Samuel Ramos (1897-1959) foi um dos mais destacados filósofos mexicanos dos anos 40. Antes, porém, foi discípulo de Antonio Caso e um dos grandes colaboradores de José Vasconcelos na Secretaria de Educação. Ao estudar na França e Itália entrou em contato com autores e obras que marcaram sua vida intelectual. Em 1934 escreveu *El Perfil del hombre y la cultura en México*, buscava demonstrar, através da aplicação da teoria psicanalítica de Alfred Adler (1870-1937) e do historicismo via José Ortega y Gasset (1883-1955), que o mexicano padecia de um complexo de inferioridade frente a cultura europeia. Para muitos intelectuais, inclusive para Zea, tal obra “será el punto de partida del movimiento que en los cincuenta se plantea, [...] la problemática respecto al ser del mexicano, su cultura, de su historia y su filosofía”. ZEA, Leopoldo. *Ibero-América 500 años después: identidad e Integración*. México: UNAM, 1993, p. 238.

²⁶ Em entrevista ao Jornal Excelsior em 15 de abril de 2001, Zea dizia: “recuerdo la entrada a la ciudad de México de Zapata, Villa y Carranza, que presencié montado sobre los ombros de mi madre o tomado de la mano de mi abuela. También está mi nunca olvidado recuerdo de la ropa ensangrentada de Emiliano Zapata, expuesta en un escaparate de la entonces calle de Plateros con la leyenda: “Fin de un bandolero”. ZEA, Leopoldo. *El Nuevo Mundo en los retos de nuevo milenio*. México: UNAM, 2003. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/>. Acesso em 04 jan 2004.

²⁷ José Gaos, filósofo espanhol, discípulo de José Ortega y Gasset, foi o último Reitor republicano da Universidade de Madri antes da Guerra Civil Espanhola. Exilado no México passou a ser professor do Colégio do México. Nessa instituição dedicou-se à formação de diversos pesquisadores, como também ao estudo da cultura hispanoamericana. Fruto dessa incursão pela cultura mexicana publicou diversos trabalhos: *Pensamiento de lengua española* (1945), *Filosofía mexicana de nuestros días* (1954), e *En torno a la filosofía mexicana* (1953).



Outro acontecimento que colocou em crise o contexto cultural e intelectual em que Zea começava a se projetar foi a Segunda Guerra Mundial. Este acontecimento, aos olhos de muitos intelectuais da América Ibérica, daquele período, parecia confirmar a *Decadência do Ocidente* (1918) de que falava Oswald Spengler. Parecia que o ocidente deixaria de ser irradiador de cultura para ser dinamizador das barbáries. Como diz Eric Hobsbawm, “a humanidade sobreviveu. Contudo, o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial”²⁸. A Guerra Total colocou em dúvida todo projeto ocidental de progresso e felicidade. O edifício civilizacional do ocidente estava abalado e com ele também estava desabando todas as certezas da identidade de superioridade cultural que o ocidente parecia ter sobre os outros povos na visão dos intelectuais.

Um intelectual que é testemunha desse período, o filósofo brasileiro João Cruz Costa, que acreditava que

Es necesario no perder de vista que la guerra de 1914-1918, entre otros resultados para nuestros países de América Latina, nos avivó el deseo de emancipación intelectual. En las décadas de 20 y 30, y también al final de la Segunda Guerra Mundial, se modificaron muchos de nuestros hábitos intelectuales. Lo que está más cercano a nosotros comienza a ganar un significado hasta entonces poco conocido. Nuestra historia entra en un primer periodo de revisión y las ideas son consideradas bajo una nueva luz.²⁹

Essa crise de identidade afetou toda uma geração de intelectuais³⁰, e Zea – como Cruz Costa – não estava alheio a essas preocupações. Em 1942, o jovem filósofo afirmava que a “América vivia cómodamente a la sombra de la cultura europea. Sin embargo, esta cultura se estremera en nuestros días [...] el hombre americano que tan confiado había vivido se encuentra con que la cultura en la cual se había apoyado le falla, se encuentra con un futuro vacío”³¹.

²⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p.30.

²⁹ CRUZ COSTA, João. Mi encuentro con Zea. *Latinoamérica*. Anuario de estudios latino-americanos-UNAM. México n° 10, pp. 79-82, 1977, p. 80.

³⁰ No Brasil, por exemplo, Afonso Arinos (1868-1916), logo após a eclosão da Primeira Guerra dizia: “Estes dias de eclipse da grande civilização do século XX, ficou provado que os maiores, os mais belos, os mais ricos monumentos da superfície da terra se arrasam e pulverizam como as construções das crianças em folga na areia dos nossos jardins [...] A desventura alheia nos aconchega uns aos outros. Aproveitamos desse momento para nos conhecermos. Durante um século estivemos a olhar para fora, para o estrangeiro: “olhem agora para nós mesmo” Pouco tempo depois, outro autor brasileiro, Ronald de Carvalho (1893-1935) foi mais enfático no convite: “Deixemos de pensar em europeu. Pensemos em americano”. Citado por CRUZ COSTA, João. *Contribuições à história das idéias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.401.

³¹ ZEA, Leopoldo. En torno a una filosofía americana. *Cuadernos Americanos*. México, n° 1, pp. 154-169, 1952 [1942], p.166.



Dois anos depois, em 1944, Zea publica um pequeno artigo na revista *Cuadernos Americanos*, em que nas primeiras linhas dizia: “la crisis actual ha hecho que las mejores hombres de ambas Américas [Latina e Saxônica] enfoquen el problema y le busquen una solución. El ideal a buscar es el de la unión de estas dos secciones americanas en una sola y fuerte América, cultural y materialmente”³².

Nesses dois fragmentos é perceptível que Zea, já em 1942, como membro de uma geração, sentia que vivia um contexto de crise de identidade que a queda do paradigma europeu, catalisado pela guerra total, provocava nos intelectuais que tinham a Europa como modelo a ser seguido. Além disso, percebemos também que não havia em seu discurso ainda, de forma efetiva, uma afirmação fortemente latino-americanista, pois em seu texto aparece a concepção de *hombre americano*, sem diferenciação, como também uma proposta de *América Una*. Isto é importante, pois como veremos, a diferenciação é o principal elemento da construção identitária.

Na mesma época, em 1943, Zea publica *El Positivismo en México* e, em 1944, *Apogeo y decadencia del Positivismo en México* (1944). Nessas obras – a partir do historicismo de Dilthey e do circunstancialismo de José Ortega y Gasset – Zea buscava construir uma história das ideias das apropriações e ressignificações do positivismo no México. Segundo ele, uma forma de fazer filosofia própria dos mexicanos. Iniciava aí, a nosso ver, sua peculiar construção de uma filosofia da identidade³³, a afirmação de características próprias de um povo.

Com essas obras Zea propõe compreender as interpretações filosóficas no mundo que as precedia e cercava. Ele afirmava que “En vez de tomarse las ideas en abstracto, como lo hacen las concepciones filosóficas con pretensiones de eternidad, se considera a las ideas en su concreción histórica. En vez de abstraer las ideas, se las liga con las demás expresiones de la cultura en que han surgido”³⁴.

Embora tivesse construído um modelo de analisar a produção “filosófica” de seu país que poderia ser aplicado para além das fronteiras nacionais mexicanas, não havia em Zea ainda um projeto de identidade latino-americana. Esse projeto, a nosso ver, se inicia depois que ele realiza uma viagem por vários países da América Latina e aos Estados Unidos da América entre

³² ZEA, Leopoldo. Las dos Américas. *Cuadernos Americanos*. México, n° 2, pp. 154-169, 1991 [1944], p.48.

³³ Como ele mesmo diz: “ver cómo há sido interpretado el positivismo por nuestros pensadores. El positivismo será una doctrina con pretensión universal, pero la forma en que ha sido interpretada y utilizada por los mexicanos, es mexicana.”. ZEA, Leopoldo. *El Positivismo en México: nacimiento, apogeo y decadencia*. México: FCE, 1968 [1943], p. 26.

³⁴ ZEA, Leopoldo. *El Positivismo en México*, p.24.



1945-1946.

O processo de identificação-diferenciação: o Brasil como parte da América Latina

As narrativas identitárias no processo de suas construções de um sentimento de pertencimento, quase sempre, se fazem na relação direta com a *outridade*. Na verdade a identidade cultural se faz indubitavelmente na alteridade, na concepção de que o que identifica também diferencia. Identidade e diferença são, assim, elementos de uma mesma moeda cultural de significação. Isto é, elas são indissociáveis, sem uma não há a outra³⁵.

Se como afirma Kethryb Woodward, que a condição *sine qua non* para a existência da identidade é haver a alteridade, defendemos, então, que a construção da identidade cultural deve ser analisada como um processo, um *processo de identificação/diferenciação*³⁶. Por essa perspectiva evidencia-se não só a indissociabilidade da identidade/alteridade, como também destaca que as construções identitárias não são estáticas, mas antes um processo dinâmico e relacional, imbricado de permanências e mudanças³⁷. É nesse sentido que compreendemos o que estamos chamando de projeto identitário de Leopoldo Zea. Na medida em que foi se dando sua trajetória intelectual ele foi, por esse processo, construindo um discurso de diferenciação aos Estados Unidos da América e de identificando dos países da Hispano-América entre si, e também o Brasil, a ideia de latino-americanidade. Como veremos, um processo relacional marcado pela mudança, mas também por permanências, por análises profundas, porém também por interpretações acríicas e idealizações próprias de sua visão hegeliana da história.

Um episódio importante do processo de identificação/diferencial da construção identitária feita por Leopoldo Zea se deu quando ele realizou entre 1945-1946 uma viagem por quase toda a América, graças a uma bolsa de estudos fornecida pela da Fundação Rochfeller.

³⁵ WOODWARD, Kethryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual, p 14.

³⁶ GIORGIS, Liliána. El "hombre" en las fronteras de la "identidad". In: VII Congreso de la Asociación Filosófica de la República de Argentina, 1993, Córdoba-Argentina, *Mimeo*, Córdoba: AFRA, 1993, p. 1-6.

³⁷ SANTOS, Luciano dos. As identidades Culturais: proposições conceituais e teóricas. *Rascunhos Culturais*. Coxim. V.2 nº4, pp. 141-158, 2011.



Zea não deixou uma obra exclusiva sobre essa viagem, mas, como veremos, é possível encontrar referências a ela em diversas de suas obras. Em uma dessas referências, feita em 2001, ele relata sua ida aos Estados Unidos da seguinte forma:

en 1945 cuando por primera vez salí de México hacia la Biblioteca del Congreso en Washington para compilar material para mi primer libro sobre nuestra América. Salí en un autobús estadounidense que partía de Laredo [...] El autobús se detuvo en una cafetería que tenía un letrero en la entrada que decía: “Se prohíbe la entrada a perros, negros y mexicanos”. Sentí la misma rabia que ahora siento. [...] Necesitaba alojamiento y me enviaron a un lugar donde fui fácilmente recibido. Preguntaron por mi origen. Soy mexicano, dije. “¡no, usted debe ser español!”, replicaron. Soy mexicano, contesté, “Lo sentimos, pero tendrá que ir al barrio de los mexicanos”. Así lo hice y con gusto.³⁸

Do relato de Zea podemos destacar duas coisas: primeiro, suas palavras demonstram uma mudança no processo de identificação/diferenciação. Se em 1942 havia a ideia de *hombre americano*, como também de uma América Una, depois da viagem aos EUA se inicia o processo de diferenciação com a América Saxônica. A sequência de episódios funciona na narrativa de Zea como elemento de diferenciação identitária, pois ao explicitar a *comparação* de um cachorro com os povos negros e mexicanos, que havia na fachada da cafeteria, e a sua não aceitação no primeiro alojamento, isto o levava a afirmação de sua identidade, *soy mexicano*. Em segundo lugar, não podemos esquecer que o relato de Zea é uma lembrança. Como tal, pode reconstruir o olhar para o passado a partir do presente, reinventando e ressignificando este acontecimento de acordo com sua vivência social de 2001, época em que Zea já tinha uma visão muito mais crítica sobre os Estados Unidos do que apresentava em 1945.

Todavia, por mais que as lembranças possam ser construídas e reconstruídas pelas pressões e reorganizações do presente, valorizando detalhes, esquecendo outros, consoante ao propósito, é perfeitamente aceitável que a viagem que Zea realizou aos Estados Unidos e pela América Ibérica contribuíram para o processo de identificação/diferenciação.

Diferentemente da perspectiva que tinha em 1942, a partir do final da década de 1940 e início de 1950, mais especificamente em um livro de 1953, Zea defendia a perspectiva que “desde sus orígenes, la América se encontro dividida em dos grandes partes, em dos grandes mundos. [...] Modos de sentir y de vivir diversos se expresaron en una y en otra América: la sajona y la ibera”³⁹. Como se percebe ele não fala em Hispanoamérica, mas sim de América “íbera” – uma

³⁸ ZEA, Leopoldo. Algo personal. In: *El Nuevo Mundo en los retos de nuevo milenio*. México: UNAM, 2003. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/>. Acesso em 04 jan 2004.

³⁹ ZEA, Leopoldo. *América como conciencia*. México: Cuadernos Americanos, [1953], 1972, p.64.



clara alusão à incorporação do Brasil ao seu projeto de América – e a diferencia da *América Sajona*, isto é, EUA.

No final da década de 1950 e início de 1960, a diferenciação da América Ibérica com relação os EUA, na narrativa de Zea, fica mais forte. Ele começou a associar o projeto colonizador da *Europa ocidental* – que na sua concepção era constituída pela Inglaterra, França, Holanda e Alemanha – aos EUA. Aos seus olhos a nação estadunidense havia herdado e continuado as ideias e concepções de mundo pautadas no exclusivismo das nações dominadoras⁴⁰.

Em função das ações imperialistas dos Estados Unidos sobre vários países da América espanhola e o Caribe no período da Guerra Fria⁴¹, Zea passou a diferenciá-los dos países de cultura ibérica. Para ele a história dos Estados Unidos era marcada pela busca de dominação e exploração que começou em 1823, com a *América para os americanos* da *Doutrina Monroe*⁴². Depois se estendeu com as sucessivas apropriações das terras mexicanas (1835, 1848 e 1853), com a tomada das ilhas espanholas no Caribe (1898), como também com as ações imperialistas por quase toda a América Latina no século XX⁴³.

À medida que a narrativa de Zea construía os EUA como o outro da América Latina, ia também desenvolvendo a ideia de uma unidade latino-americana. Ao rememorar, na década de 1970, a sua passagem por vários países da América Ibérica na viagem de 1945-46, ele afirmava que:

⁴⁰ Em 1957, em uma parte da obra *América en la Historia* intitulada de *Norte América Campeón Occidental*, o pensador mexicano dizia que “Los pueblos que forman esta América [latina] han sufrido toda clase de agresiones de este mundo, en forma especial la agresión de la América occidental, la América sajona, que la ha mutilado y impuesto sus intereses”. [...] Norteamérica, al fin de cuentas, había sido obra de los colonizadores europeos, [...] Norteamérica era la obra más pura de occidentalización del mundo. [...] El mundo moderno, el Occidente, alcanzaba aquí su máximo desarrollo.”. Cf: ZEA, Leopoldo. *América en la historia*. México: FCE, 1957, p.178-179.

⁴¹ No início dos anos 1960, o filósofo mexicano afirmava que “ha sido, precisamente a partir de las dos grandes guerras mundiales, que coinciden con su apogeo y predominio, que los Estados Unidos han tenido que enarbolar buenas banderas, banderas que justifiquen sus acciones expansionistas. [...] en nombre de la seguridad continental, la democracia y la libertad se han transformado en simples pretextos para justificar intervenciones que de otra manera serían como simples agresiones de pueblos fuertes sobre pueblos débiles. Ha sido en nombre de estas banderas que se ha buscado el sometimiento económico y político de las pueblos latino-americanos. La guerra fría se transforma, así, en un buen negocio. Una guerra que lejos de ser una amenaza se transforma en un bueno instrumento para acrecentar intereses”. Cf: ZEA, Leopoldo. *América Latina y el mundo*. Buenos Aires: Eudeba, 1965, p.56-58.

⁴² Segundo Héctor H. Bruit, a doutrina Monroe foi formulada em 1823 pelo presidente James Monroe (1758-1831), como advertência às potências europeias nascidas no Congresso de Viena de 1815, para que não estimulassem nem apoiassem nenhuma pretensão de reconquista sobre qualquer território americano. Contudo, essa doutrina mostrou, no decorrer da história das relações entre os Estados Unidos e a América Latina, que as pretensões da nação estadunidense eram expansionistas e imperialistas. Para mais detalhes ver: BRUIT, Héctor H. *O imperialismo*. São Paulo: Atual, 1994, p.53.

⁴³ ZEA, Leopoldo. *América en la historia*. p.184.

En ningún momento me senti extraño. La Argentina, como posteriormente Brasil, Chile, Perú, todo ese conjunto de pueblos de esta América que pude ir conociendo, era sentido por mí como una natural prolongación. Pude sentir como mías sus preocupaciones ante la dificultad de sus problemas, indignarme cuando la violencia se hacía presente y dolerme cuando la misma parecía triunfar. Una nueva forma de sentirse hombre entre hombres, igual entre iguales.⁴⁴

Se a chegada aos EUA provocou estranhamento e diferenciação, nos países da América de colonização espanhola e portuguesa ele se sentia igual entre iguais. Nota-se que ele não diferencia o Brasil dos demais países, ele sentia todos como uma prolongação do México.

Em 1947, após terminar a referida viagem em que estabeleceu contatos com vários pesquisadores⁴⁵, Zea liderou a criação do *Comité de Historia de las Ideas* no Instituto Panamericano de Geografía e História, com a proposta de construir uma biblioteca de história das ideias de cada país da América Latina. Inicia-se nesse momento seu projeto de construir uma “*historia de nuestras ideas*”. Tal projeto acabou por constituir-se em uma rede intelectual que abarcou vários investigadores, transformando-se em um verdadeiro *movimiento intelectual* de proporção subcontinental⁴⁶.

A aproximação de Zea com a cultura brasileira começou nessa época. A partir do final da década de 1940 ele começou a desenvolver ações e programas em que o Brasil fazia parte como um membro da sua ideia de latino-americanidade. Paulatinamente, seus laços com a nação brasileira foram se estreitando: com amizades e projetos em comum com intelectuais brasileiros, com o incentivo de tradução de livros clássicos da cultura brasileira para a língua espanhola, com o incentivo para a criação de instituições e organizações no Brasil que estreitassem os laços com a

⁴⁴ ZEA, Leopoldo. *La esencia de lo americano*. Buenos Aires: Pleamar, 1971, p.7

⁴⁵ Com a ajuda do filósofo argentino Francisco Romero (1889-1960) e de Alfonso Reyes, Zea encontrou com diversos pensadores ibero-americanos: na Argentina conheceu o próprio Francisco Romero e seu irmão José Luis Romero; no Uruguai conheceu Vaz Ferre e estabeleceu uma grande amizade com Arturo Ardao; no Brasil conheceu vários pensadores, mas foi com João Cruz Costa que estabeleceu fortes laços; no Chile conheceu Enrique Molina; na Bolívia, Guillermo Francovich; no Peru, Francisco Miró Quesada; no Equador, a Benjamin Carrión; na Colômbia, Gennán Arciniegas e Danilo Cruz Vélez; na Venezuela, Mariano Picón Salas; em Cuba, Raúl Roa e vários outros pela América Central e Caribe.

⁴⁶ Este movimento foi constituído pelo mexicano Abelardo Villegas Maldonado (1934-2000), os peruanos Francisco Miró Quesada (1918-) e Augusto Salazar Bondy (1925-1972), os argentinos Francisco Romero, José Luis Romero (1909-1977), em certa medida, Enrique Dussel (1934-), e o argentino naturalizado mexicano Horacio Cerutti Guldberg (1950-), os brasileiros João Cruz Costa (1904-1978) e Darcy Ribeiro (1922-1997) e o colombiano Jaime Rubio Ângulo, entre vários outros. Eugênio Rezende de Carvalho fez um interessante estudo sobre este movimento, para mais detalhes ver: CARVALHO, Eugênio Rezende de. *Pensadores da América Latina: o movimento latino-americano de história das ideias*. Goiânia: Ed. UFG, 2009.



Hispanoamérica⁴⁷. Começava-se assim uma rede intelectual em que o Brasil se incorporava ao projeto de América Latina de Zea.

O primeiro contato de Zea no Brasil foi com o filósofo e professor da Universidade de São Paulo, João Cruz Costa (1904-1978). Em uma autobiografia o filósofo mexicano disse que ao chegar ao Brasil teve a seguinte percepção:

Mis lecturas sobre el Brasil, su historia, sus ideas, su cultura, tomaban sentido en este encuentro con Cruz Costa (...) La nación de un pueblo peculiar, pero no peculiar que no fuese una expresión a más de esta América que llamamos Latina (...) Un pueblo distinto, pero no tan distinto que no fuese uno de los nuestros. En los últimos lustros viene enfrentando problemas que son los de toda esta nuestra América.⁴⁸

Nesse relato que Zea faz de sua chegada ao Brasil e seu encontro com Cruz Costa, se percebe que ele reconhecia que havia diferença entre a o Brasil e América Hispânica, mas ele destacava, nesse caso, a diferença como uma *peculiaridade*, uma expressão a mais da América Latina. Além disso, Zea identificava as duas regiões não só culturalmente, senão também com relação a todos os problemas sociais, econômicos e políticos da década de 1940.

As relações de Zea com Cruz Costa vão se estreitar. O pensador mexicano não só adotara a obra do filósofo brasileiro como referência para tratar do *positivismo no Brasil* com também incentivará sua tradução para o espanhol⁴⁹. Cruz Costa fará a ligação de Zea com outros intelectuais brasileiros e participar de outras atividades promovidas por Zea. Em 1977, inclusive, o filósofo brasileiro publica um texto relando seu encontro com Zea⁵⁰.

Fruto dessa relação, em 1956, quando Zea e outros intelectuais organizam o *Primero Seminario de Historia de las Ideas* com comissões de quase todos os países da América, Cruz Costa organiza a comissão brasileira convidando expressivos historiadores, filósofos, sociólogos e educadores, tais como: Anísio Teixeira, Ivan Lins, Gilberto Freyre, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Antônio Candido de Mello e Sousa, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros⁵¹.

47A historiadora Maria Teresa Toribio B. Lemos, da UERJ, afirmou no II Congresso Internacional do Núcleo de Estudos das Américas, em 2010, que Leopoldo Zea foi um grande incentivador da proposta de criação do NUCLEAS na UERJ.

48ZEA, Leopoldo. *El Nuevo Mundo en los retos del nuevo milenio*. México: UNAM, 2003. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/5-1.htm>. Acesso em 04 jan 2004.

49 CRUZ COSTA, João. *Esboço de um história de las ideas en el Brasil*. México: UNAM, 1957.

50 CRUZ COSTA, João. Mi encuentro con Zea. *Latinoamerica*. Anuaio de estudios latino-americanos- UNAM. México, nº 10, 1977, p. 79-82.

51 Os anais desse Seminário foram publicados integralmente, em 1959, no primeiro volume da *Revista de Historia de las Ideas*. Essa revista foi reeditada na *Colección de Revistas Ecuatorianas X* por iniciativa de Arturo Andrés Roig. Para mais detalhes ver: ROIG, Arturo Andrés. *La Historia de las ideas cinco lustros después*. Estudio introductorio de la



Zea usa os estudos de alguns desses intelectuais brasileiros em suas interpretações sobre a história e cultura latino-americana. Um dos mais destacados é Sérgio Buarque de Holanda. A partir da obra do historiador brasileiro, Zea buscava explicar a diferença entre os povos iberoamericanos e angloamericanos, em um texto de 1956, quando o pensador mexicano diz que:

El brasileño Sergio Buarque de Holanda, al hablar de las raíces de los pueblos que forman la América ibera, se refiere a esa peculiaridad de su individualismo llamada personalidad. [...] El individuo se siente capaz de prescindir de los demás; por ello, la sociedad en la forma como la entienden los anglosajones, la sociedad moderna, es casi imposible entre iberos que consideran cualquier servicio como disminución de la propia personalidad.⁵²

Um ano depois, em 1957, em outra obra, *América en la historia*, Zea diz que:

Sergio Buarque de Holanda, entre otros, habla de la situación marginal de esta América, así como de las ventajas que esta situación implica [...] Brasil es un pueblo, como el resto de Iberoamérica, marginal, pero de una marginalidad que le permite servir de puente entre la cultura occidental y otras expresiones de la cultura no occidental. Situación que há permitido al Brasil, como a Hispanoamérica, asimilar expresiones de la cultura que parecían, muchas veces, como las antípodas de las expresiones de la cultura occidental. Esta capacidad de asimilación de culturas [...] se debe al mestizaje.⁵³

Em sua interpretação de *Raízes do Brasil*⁵⁴, Zea destaca mais os elementos de unidade entre o Brasil e a América Hispânica do que os de diferença. A diferença é, ao contrário, ressaltada para com os Estados Unidos da América, a América saxônica. Diferentemente da cultura norte-americana, que em sua narrativa era marcada pela busca de dominação, de exclusivismo e pela não mestiçagem, a dos iberoamericanos, contrariamente, era marcada pela assimilação de outras culturas, isto é, pela mestiçagem cultural⁵⁵.

edición facsimilar de los números 1 y 2 de la *Revista Historia de las Ideas*. Quito: Banco Central del Ecuador, 1984, p. 20-21.

⁵² ZEA, Leopoldo. Formas de convivencia en América. In: _____. *La esencia de lo americano*. Buenos Aires: Pleamar, [1956] 1971, p. 63.

⁵³ 56 ZEA, Leopoldo. *América en la historia*. México: FCE, 1957, p. 224.

⁵⁴ Zea cita várias vezes uma tradução da obra de Holanda de 1945. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. México: FCE, 1945.

⁵⁵ Ao contrário da mestiçagem que ocorria nas colônias ibéricas, o filósofo mexicano afirmava que “Nada de esto había pasado en la América del Norte, colonizada por hombres fieles a los ideales políticos y religiosos del mundo moderno y su raza. Estos hombres, en lugar de mezclarse con los indígenas, habían evitado toda contaminación llevando, así, la civilización a donde sólo existía la barbarie. Por ello, el puritanismo como expresión de tolerancia religiosa e intolerancia cultural y racial será visto como símbolo del progreso frente al catolicismo de los colonizadores iberos, con sus expresiones de intolerancia religiosa y de tolerancia cultural y racial”. Cf: ZEA, Leopoldo. *América en la historia*. México: FCE, 1957, p. 181.



Nas décadas de 1960-1970, o Brasil passa a aparecer de forma mais destaca nas obras de Zea⁵⁶. Em *El Pensamiento Latinoamericano* (1963), na introdução do livro ele diz: “Aquí se analiza el sentido y función de este pensamiento, que incorpora ahora el de la América lusitana, el Brasil”. Nessa obra os acontecimentos da história do Brasil, os intelectuais e políticos brasileiros aparecem em vários momentos⁵⁷, no entanto, é em um capítulo em especial, intitulado *La Experiencia Brasileña*, que Zea abordada a história do Brasil na forma de comparação com a América Espanhola: “**Brasil, como Hispanoamérica**, tratará de incorporarse al camino del progreso cuya máxima expresión se encontraba en los grandes líderes del mismo, las llamadas naciones occidentales: Inglaterra, Francia y los Estados Unidos”⁵⁸. Depois: “En el **Brasil, como em Hispanoamérica**, la ilustración y otras expresiones de la filosofía moderna fueron difundidas [...] también, el deseo de emanciparse de la metrópoli.” Ou ainda, “En el Brasil, a partir de la abdicación de Pedro I, **como em Hispanoamérica** al logro de la independencia política de sus diversos países, se debatirán las diversas formas de gobierno que debían suceder al primer imperio” [todos os grifos são nosso]⁵⁹.

Mas algo que chama atenção na interpretação que Zea faz da história política do Brasil é a sua visão nada crítica desse processo. Na escrita de Zea, há uma constante preocupação de descrever a história do Brasil como uma evolução natural, um desenvolvimento histórico sem violência – e aqui está a diferença com a América Espanhola. A expressão *sem violência* aparece por diversas vezes associada aos mais vários acontecimentos: quando da vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, “El rey portugués trae consigo una imprenta que difunde **sin violencia** las nuevas ideas [de la artes y las ciencias].” No processo de Independência: “Así Brasil, inicia la misma marcha tomada por los países hispanoamericanos pero **sin su violencia**.” Ou ainda: “Otra etapa, **igualmente pacífica**, pero más avanzada, seguirá durante el gobierno de Pedro II. Imperio constitucional dentro del cual empiezan a hacerse escuchar las nuevas fuerzas nacionales que van surgiendo poderosas. Un paso más que se dará **sin violencia**”. Mesmo quando fala das revoltas do Período Regencial ele destaca a ideia de pouca violência, ao dizer que: “No faltaron, desde luego, algunas revueltas de diversos descontentos, **pero sin alcanzar extremada violencia**”. Até o fim da escravidão é tratado como sendo um processo em que “Fuerzas que

⁵⁶ As obras que Zea cita ao tratar da história do Brasil são: CRUZ COSTA, João. *Esbozo de una historia de las ideas en el Brasil*. México: UNAM, 1957; FRANCOVICH, Guillermo. *Filósofos brasileños*. Buenos Aires: Ed. Losada, 1943 e ROBLEDO, Antonio Gómez. *La filosofía en el Brasil*. México: UNAM, 1946.

⁵⁷ Os principais nomes não: José Joaquín da Silva, “Tiradentes”, Dom João VI, Pedro I, Pedro II, Domingos José de Magalhães, Eduardo Ferreira Franca, Tobias Barreto, Luis Pereira Barreto, Miguel Lemos, Benjamín Constant, Teixeira Mendes, entre outros.

⁵⁸ ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Editorial Ariel, 1976 [1963], p. 203.

⁵⁹ ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. p.211.



tienen como base la explotación industrial y ya no necesitan del esclavo. Un paso importante más en la marcha progresista del Brasil, sin que se desencadene **ninguna violencia** [todos os grifos são nossos]”⁶⁰.

Essa mesma perspectiva aparece na obra *La esencia de lo americano* (1964), quando ele trata do positivismo no Brasil afirma que “El primer triunfo de la nueva mentalidad lo fue la abolición de la esclavitud en 1888, **sin la violència que a la misma acompaño en los Estados Unidos** [grifo nosso]”⁶¹.

A interpretação de Zea sobre a história política brasileira se apresenta como sendo acrítica e marcada pela ideia de continuidade, destacando ideia de um povo pacífico e conciliador. Por essa perspectiva, em sua narrativa mesmo os processos identificados como de mudança ocorriam de forma natural e sem violência.

Mas, também é interessante destacar que por mais que ele apresente a diferença do processo político brasileiro com relação ao que ocorreu nas nações hispanoamericanas, Zea não buscava diferenciar o Brasil da América Espanhola, mas sim dos Estados Unidos.

Como vimos na utilização que fazia da obra de Sérgio Buarque de Holanda e, sobretudo, quando falava do fim da escravidão no Brasil e nos Estados Unidos, destacando que no primeiro (Brasil) foi um processo *sem violência* e no segundo (EUA) marcado pela violência. Por mais que o Brasil apresente muitas diferenças com a América Espanhola, a marcação da diferença é construída com relação aos EUA. O Brasil é visto como uma *peculiaridade a mais da América Latina*, não como o elemento de alteridade. A suposta unidade cultural era mais importante que o processo histórico político diferente.

Outro intelectual brasileiro que, a partir da década de 1960, começou a figurar na escrita e na rede intelectual que Zea vinha construindo, foi o antropólogo Darcy Ribeiro⁶². Segundo

⁶⁰ ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. Respectivamente, p.205, 206, 210, 211, 212.

⁶¹ Zea, Leopoldo. Pensamiento social y político de América Latina. In _____ *La esencia de lo americano*. Buenos Aires: Pleamar, 1971[1964], p.152.

⁶² Darcy Ribeiro, além de antropólogo, foi também escritor, educador e político. Foi Ministro Chefe da Casa Civil no governo João Goulart, um dos idealizadores da Universidade de Brasília e da Universidade Estadual do Norte Fluminense; Vice Governador do Rio de Janeiro de 1983-1987; Senador da República de 1991-1997 e membro da Academia Brasileira de Letras. É também dono de uma obra vasta, com livros de romance, educação, sociologia, antropologia e muitos ensaios. Podemos destacar no que refere à temática latino-americana: *As Américas e a civilização – processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos* (1970); *Configurações histórico-culturais dos povos americanos* (1975); *O dilema da América Latina – estruturas do poder e forças insurgentes* (1978) *América Latina: a pátria grande* (1986).



Arturo Andrés Roig⁶³, Darcy se tornou conhecido na América Espanhola em função de seu *Plano orientador da Universidade de Brasília* (1962). Suas ideias circularam pela América espanhola na obra *La Universidad Nueva*, que teve sua primeira edição feita em Montevideu, em 1968, a segunda em Caracas, em 1971, e uma terceira em Buenos Aires, em 1973. Após o Golpe militar no Brasil, em 1964, Darcy é obrigado a exilar-se no Uruguai, depois foi para o Chile, onde chegou a ser assessor do Presidente Salvador Allende, e depois de Velasco Alvarado, no Peru.

O encontro de Zea com Darcy se deu no contexto do exílio. A partir daí esses dois intelectuais passaram a ter uma forte relação de amizade e produção intelectual sobre a América Latina. Darcy diz textualmente em *América Latina: a pátria grande*: “Todos nós, intelectuais latino-americanos, somos uns **zeas** [grifo nosso], aflitos na busca de nossa identidade”⁶⁴. É interessante ressaltar que Darcy não só se reconhece como intelectual latino-americano, mas fala em uma coletividade – “intelectuais latino-americanos”, e coloca Zea como sendo o modelo desse tipo de intelectual – “somos uns zeas aflitos na busca de nossa identidade”.

Zea escreveu pelo menos dois artigos⁶⁵ em que busca destacar seus laços com Darcy e os projetos de incorporar o Brasil à ideia de América Latina. Em um deles, o pensador mexicano relata uma situação cômica, ocorrida na década de 1980, mas que mostra as relações intelectuais que fundamentariam seu discurso identitário-integracionista, dando uma dimensão e sentido muito interessantes ao termo *hermandad*:

En una ocasión, cuando Darcy era vicegobernador de Rio de Janeiro, inauguro la Asamblea General Del Instituto Panamericano de Geografía e Historia. Al terminar me vio y a grandes voces me gritó “hermano”! El presidente en turno de esta institución, un adusto general chileno que veía con malos ojos mi colaboración en esa institución, me dijo sonriente: “doctor Zea, qué sorpresa, no sabía que el vicegobernador Darcy era Hermano suyo”. No conteste nada. Me encuentre con Darcy, que se moria de risa. “Esa gente, me dijo, no comprende otra forma de hermandad.”⁶⁶

A irmandade que Darcy se referia era a irmandade latino-americana. Segundo Zea, uma irmandade de ações e práticas pela integração pela cultura que ia paulatinamente pondo “en marcha la actividad para que el Brasil, antes más inclinado a mirar hacia el otro lado de Atlántico, volviese los ojos a la región de la que era parte”⁶⁷.

⁶³ ROIG, Arturo Andrés. *La Universidad hacia la Democracia*. Mendoza-Argentina: EDIUNC, 1998, p. 113.

⁶⁴ RIBEIRO, Darcy. *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro: Guanabara Dois, 1986, p. 85.

⁶⁵ ZEA, Leopoldo. Darcy y la inmortalidad. *Cuadernos Americanos Nueva época*. México, año X, v. 3, nº 57, p. 37-41, mayo/junio. 1996. E também: ZEA, Leopoldo. Darcy el Americano. *Cuadernos Americanos Nueva época*. México, año X, v. 8, nº 62, pp. 26-29, mayo/junio. 1997.

⁶⁶ ZEA, Leopoldo. Darcy y la inmortalidad, p. 38.

⁶⁷ ZEA, Leopoldo. Darcy y la inmortalidad, p.40.



Junto com Darcy e outros intelectuais, Zea criou em 1982 a Sociedade Latino-Americana de Estudos sobre a América Latina e Caribe, batizada de SOLAR, sendo inclusive seu primeiro presidente. No Brasil foi criado em São Paulo o *Memorial da América Latina*, a partir das ideias de Franco Montoro, com projeto arquitetônico de Oscar Niemayer e projeto cultural de Darcy Ribeiro. O Memorial é um centro cultural e político, possui um acervo de mais de 30 mil livros, galeria de arte, centro de documentação e o Parlamento Latino-Americano. Logo na entrada do Memorial há uma escultura, projetada por Niemayer, em forma de uma mão aberta com o mapa da América Latina desenhada como que em sangue. O filósofo mexicano, na inauguração do Memorial, interpretou esta escultura da seguinte forma:

una mano sangrienta recuerda lo que no debe ser olvidado. Una mano que no puede ser puño porque há de superar la violencia que a lo largo de la historia le fue impuesta. Y dentro de la palma abierta, penetrada por la sangre de Nuestra América.⁶⁸

Muito provavelmente a utilização da ideia *Nuestra América*, nesta ocasião, não era involuntária, Zea sabia que ela estava carregada de sentidos e os transferia e os ressignificava no monumento do Memorial. É interessante ressaltar que no discurso de Zea *Nuestra América* não era apenas a América Hispânica, mas sim a América Latina em que o Brasil fazia parte. No discurso de Zea a ideia de *Nuestra América* do cubano José Martí é ressignificada com a incorporação do Brasil. Da mesma maneira, a concepção que a mão aberta simboliza que a América Latina quer afirmar e superar o passado de violência, mas sem esquecer o sangue, a violência, pois também o sofrimento unia a América Latina, a unia quicá em laços mais fortes do que outras associações⁶⁹.

Nessa época, além da ressignificação das proposições de José Martí, Zea também passa a apropriar e ressignificar, de forma mais forte, o projeto de integração espanhola de Bolívar e a ideia de raça cósmica de José Vasconcelos.

68 ZEA, Leopoldo. Darcy el Americano, p. 28.

69 Na entrega do prêmio do Memorial, em 1989, Zea havia dito que “persecuciones, torturas, encarcelamientos, diestros y muertes han hecho más por la integración latinoamericana que todas las proclamas y acuerdos políticos y económicos. Todos estos hombres se han encontrado hermanados por el mismo sufrimiento”. Provavelmente aqui ele se referia a migração forçada de diversos intelectuais por toda a América Latina que as ditaduras provocaram. Este, por exemplo, é caso de Darcy começou a desenvolver a temática latino-americana quando estava exilado no Uruguai. ZEA, Leopoldo. *El Nuevo Mundo en los retos del nuevo milenio*. México: UNAM, 2003. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/5-1.htm>. Acesso em 004 jan 2004.



A partir de Vasconcelos ele reafirma a ideia de que no decorrer da história da América Latina originou-se um povo e a uma cultura que podia muito propriamente ser representada por um caldeirão de raças, um

Crisol de la raza con la que sueño mi compatriota José Vasconcelos: la Raza Cósmica. Esa raza que no es raza, sino capacidad de verse en los otros a sí mismo, en lo que la distingue y al mismo tiempo en lo que la iguala. El negro, el blanco, el cobrizo, el amarillo, todas las gamas de color humano como entresijo de colores que da sentido y perfil a esta región del mundo que es América. Nuestra América, la América de Darcy y la América mia.⁷⁰

Mais uma vez, Zea promove a ressignificação e atualização de um discurso. A ideia de *Raça Cósmica* de José Vasconcelos é atualizada e ressignificada para representar um princípio filosófico de Zea, isto é, de que a latinoamericanidade não é uma raça, não é uma questão biológica ou étnica, mas sim uma herança cultural latina que dá a capacidade desses povos de ver em outros povos algo que os diferencia e ao mesmo tempo os iguala e, por isso, dá a possibilidade de construção de uma América de mistura, uma América mestiça⁷¹.

Segundo Zea, se para alguns pensadores do século XIX – como, por exemplo, Domingo Faustino Sarmiento (1811-1888) – a mestiçagem e diversidade eram elementos que dificultavam o desenvolvimento da região, para ele, e para toda geração que ele denominava de *asuntiva*, era justamente esses elementos que caracterizavam a cultura latino-americana⁷².

A partir do final da década de 1970 e início de 1980 começa a aparecer de forma mais destacada nas obras de Zea a ideia de integração, no entanto, fortemente associada à ideia de identidade latino-americana. Nessa época, além dos intelectuais e pensadores que vinha aparecendo em seu discurso, começa a se destacar mais Simón Bolívar (1783-1830). Na verdade, Bolívar já figurava em seus trabalhos desde, pelo menos, 1949, quando publica *Dos etapas del pensamiento en Hispanoamérica*. Mas, no decorrer de sua trajetória intelectual, as referências a Bolívar foram aumentando até que em 1980 ele publica um livro com o título *Simón Bolívar. Integración en la Libertad*.⁷³

Não há espaço suficiente para analisar em detalhes como Zea interpretou Bolívar, mas o elemento fundamentalmente destacado na narrativa de Zea em todas as obras em que cita

70 ZEA, Leopoldo. *El Nuevo Mundo en los retos del nuevo milenio*. México: UNAM, 2003. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/5-1.htm>. Acesso em 04 jan 2004.

71 A ideia que havia uma essência latina que resultava em uma América Mestiça já estava presente em Zea no final da década de 1940, ver: ZEA, Leopoldo. *Ensayos sobre a filosofía en la Historia*. México: Stylo, 1948. 217 p.

72 ZEA, Leopoldo. *Descubrimiento e Identidad Latinoamericana*. México: UNAM, 1990. p. 52.

73 ZEA, Leopoldo. *Simón Bolívar: Integración en la Libertad*. México: UNAM, 1980.



Bolívar é a ideia de uma *integração na liberdade*. Zea coloca as proposições de Bolívar como uma espécie de *discurso fundador*⁷⁴ da ideia de integração, ou seja, como uma proposição da qual sempre se deve partir para pensar a integração da América Latina. Mas, essa proposição, como um discurso fundador, não deixa de ser ressignificada na narrativa de Zea. Isto é, o discurso identitário-integracionista de Leopoldo Zea sustenta o discurso de Bolívar e, ao mesmo tempo, se sustenta nele. O enunciado fundador de Bolívar é mantido e ressignificado na proposição de uma nova ideia, a de integração na liberdade, mas na proposição de Zea via *cultura y educación*.

Em 1978, em a *Filosofía de la Historia Americana*, Zea afirma que a essência da integração na liberdade deveria ser mantida, mas que “El proyecto libertador tendrá que reajustarse, que buscar otras vías de realización”⁷⁵. E alguns anos depois, ele começou a afirmar de forma mais contundente “La integración ahora por la vía de la educación y la cultura”⁷⁶.

O reajustar para Zea se deve ao fato de o projeto de Bolívar de uma integração pela via política teria fracassado. Logo, para manter o projeto vivo, o filósofo mexicano começou a defender que antes de uma integração política e econômica era necessária à afirmação de uma unidade cultural.

O filósofo mexicano partia do princípio de que para se pensar uma efetiva integração da América Latina, nos mais variados níveis, era necessário primeiro desenvolver ações que levassem a uma *tomada de consciência* das similitudes que guardavam as realidades históricas e culturais de cada país que compunha a região. Ele afirmava que “El viejo sueño de la integración latinoamericana ha sido intentado, una y otra vez, por la política ya la economía. Sin embargo, ha sido la falta de una conciencia integracionista la que ha impedido que el mismo fuese realidad”⁷⁷.

Zea defendia que para que a integração pudesse ser bem sucedida haveria primeiro que vinculá-la com o estímulo, desenvolvimento e a difusão da cultura de cada país, da cultura latino-americana para a América Latina. Haveria que reconhecer a singularidade da cultura

⁷⁴ Segundo Eni Orlandi, o discurso fundador pode ser compreendido como aquilo que não se apresenta como já definido, mas sim na relação com a historicidade, isto é, que nele são enunciados imagens, mitos e ideias que permitem a ressignificação do próprio enunciado fundador. ORLANDI, Eni P. (org.) *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. Campinas-SP: Pontes, 1993.

⁷⁵ ZEA, Leopoldo. *La Filosofía de la Historia Americana*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978. p. 195.

⁷⁶ ZEA, Leopoldo. La Integración latinoamericana como prioridad. *Cuadernos Americanos*. México, año X, V1, n° 25, p.11-21, enero/febrero, 1991. p. 18.

⁷⁷ ZEA, Leopoldo. *El Nuevo Mundo en los retos del nuevo milenio*. México: UNAM, 2003. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/5-1.htm>. Acesso em 004 jan 2004.



latino-americana como sendo afirmação dessas manifestações forjadas historicamente na diversidade e na experiência da mestiçagem⁷⁸. Para Zea, era a falta de uma consciência comum da cultura latino-americana que dificultava a integração plena dessa América. Por isso de seu empenho em criar uma produção de história das ideias por país até formar uma produção de âmbito subcontinental. Por isso de seus esforços em criar e promover diversas instituições de estudo e difusão da cultura latino-americana, de formar redes de intelectuais interessados em produzir conhecimento sobre a América Latina.

Um dos mecanismos fundamentais, segundo Zea, de integração latino-americana era a conscientização das similitudes históricas e culturais pela educação. Como ele afirmava, em 1990⁷⁹, era a criação de Centros de Estudos e de formação de pesquisadores e professores, como também a obrigatoriedade em todas as etapas da educação do conhecimento da história e cultura latino-americana, tal como era obrigatório o conhecimento da história e cultura nacional e europeia, que levaria a afirmação da identidade e, logo, da integração da América Latina⁸⁰. Pois, segundo ele,

El día en que todo nuestros niños, jóvenes y adultos tengan conciencia de lo que tienen de común con el resto de los pueblos de la región, esse día la integración se dará por añadidura. Conciencia de lo común sin negación de lo peculiar y lo propio. Conciencia de que además de ser **brasileño** [grifo nosso], mexicano, argentino, etcétera, se es latinoamericano.⁸¹

Nesse discurso de 1989, é interessante notar que Zea defendia uma modelo de integração na afirmação da identidade, mas paradoxalmente afirmando a diferença, isto é, uma busca de convergência do elemento cultural comum a todos os latino-americanos, sem, no entanto, a negação da especificidade de cada país e povo da América Latina. Poderíamos dizer que ele propunha uma integração intercultural através da educação, uma afirmação da identidade da diversidade.

Não casualmente, em todos os momentos, especialmente na década de 1990, em que Zea defendia a ideia de uma integração, era ao discurso de Bolívar que ele retornava⁸². Mas diferentemente de Bolívar, no seu discurso o Brasil passava a ser incorporado.

78 ZEA, Leopoldo. *Ibero-América 500 años Después. Identidad e Integración*. México, UNAM, 1993, p. 56.

79 ZEA, Leopoldo. *Descubrimiento e Identidad Latinoamericana*. México: UNAM, 1990. p. 42

⁸⁰ ZEA, Leopoldo. *Descubrimiento e Identidad Latinoamericana*. p.183.

⁸¹ ZEA, Leopoldo. *El Nuevo Mundo en los retos del nuevo milenio*. México: UNAM, 2003. Disponível em: <http://www.ensayistas.org/filosofos/mexico/zea/milenio/5-1.htm>. Acesso em 04 jan 2004.

⁸² São vários os textos em que o nome de Bolívar, as ideias de Integração e Identidade são tratadas: *La Identidad Cultural e Historica de América Latina* (1990), *La integración Latinoamericana como Prioridad* (1991), *Problemas de Identidad e*



Para Leopoldo Zea, o Brasil e a América Hispânica tinham uma origem e herança cultural comum, uma história de *dependência*⁸³ e colonização comum e, principalmente, um elemento forte que as unificava, o elemento da mestiçagem. Na verdade, para ele em todas as nações latino-americanas, em maior ou menor grau, a mestiçagem ocorreu e ocorria. Era este um elemento comum a todas as nações dessa região, um elemento que lhe dava unidade⁸⁴.

Assim, na narrativa de Zea cabia aos povos da América Latina reconhecer suas diferenças, mas não para distanciar-se, e sim para unir-se na igualdade da diversidade. Aos olhos de Zea, enquanto os povos desta América não se sentissem iguais entre iguais, nem menos ou mais que outros, não só entre si, senão também e, principalmente, com relação à outra América (EUA) e a Europa, não conseguiriam reconhecer e afirmar uma identidade que lhes permitissem integrar verdadeiramente na liberdade⁸⁵.

Sem dúvida, o momento de maior destaque desse discurso integracionista foi no final dos anos 80 e início dos 90 do século passado. Um contexto em que a Guerra Fria dava sinais de esgotamento, mas que também anunciava novas formas de maniqueísmo da realidade, principalmente, quando George W. Bush (pai) começava a colocar em marcha um discurso de Mercado Comum das Américas, A ALCA (Área de livre comércio das Américas). Um discurso que Zea criticava ao afirmar que em muito lembrava o discurso panamericanista de cem anos atrás (1889) que era denunciado por Jose Martí (1853-1895)⁸⁶. Assim, o pensador mexicano, enfatizava que mais do que nunca se deveria buscar uma *integração latino-americana como prioridade*.⁸⁷

Mas, esse projeto de integração na prática política não estava se configurando. Pelo contrário, o Brasil buscava um orientação internacional em que era mais interessante se tornar líder de um bloco sulamericano – o Mercosul – e o México assinava o tratado da ALCA com os

Integración Latinoamericana (1991), *Integración el gran desafío de Latinoamérica* (1996), *Identidad y Integración Latinoamericana* (1999), *Integración, el Gran desafío para Latinoamérica* (1999) entre outros.

83 Como lembra José Luiz Beired, entre as décadas de 1970 e 1980 a Teoria da Dependência, de certa forma, penetrou em diversas áreas, em alguns casos reduzem a História da América Latina a etapas sucessivas de dependência econômica: a dependência colonial, a dependência primário-exportadora, a dependência tecnológica e financeira. O discurso de Zea não estava imune a esta atmosfera intelectual. : BEIRED, José Luiz et al. Os problemas do ensino de história da América. In: *Seminário perspectiva do Ensino de História*. São Paulo: FEUSP, 1988, p.210-228.

84 ZEA, Leopoldo. Problemas de identidade e integración em Latinoamérica. *Cuadernos Americanos Nueva Época*. México, año V, v. 5, n° 29, p. 48-57, sep/oct. 1991, p.57.

85 ZEA, Leopoldo. *El problema de la identidad latino-americana*. México: UNAM, 1985. p.12.

86 ZEA, Leopoldo. La Integración latinoamericana como prioridad. p. 14.

87 Esse foi um título de uma conferência que Zea fez em 06 de dezembro de 1990 em Lima no Peru. Posteriormente ele foi publicado em *Cuadernos Americanos* com o mesmo título.



EUA. Mas esses acontecimentos, até onde conseguimos mapear nas ações e obras de Zea até a década de 1990, não foram tratados.

Considerações finais

A partir do foi tratado podemos tirar algumas possíveis conclusão. Em primeiro lugar, a maior parte dos projetos dos intelectuais do século XIX a ideia de integração do Brasil à América Latina foi visto com um problema-empecilho. Até o final do século XIX poucas propostas partiram da intelectualidade brasileira e, menos ainda o Brasil foi incluído em qualquer projeto apresentado por intelectuais hispanoamericanos. Em segundo lugar, diversos acontecimentos do século XX criaram uma conjuntura de crise de identidade que fez com que a intelectualidade de diversos países da América, incluindo o Brasil, produzisse um discurso de caráter altamente identitário. Nesse contexto de crise, por mais que houvesse proposições nacionalistas também abriu possibilidades para discursos identitários de caráter subcontinental em que o Brasil passa de problema-empecilho para a concepção de problema a ser solucionado. Nesse período surgem diversas construções intelectuais que buscam incorporar o Brasil à América Latina.

Aqui buscamos mostrar como o projeto de identitário de Zea foi se construindo no decorrer de sua formação intelectual. Iniciou-se a partir do contato com a geração nacionalista mexicana pós-revolucionária. Posteriormente, se desenvolveu com a viagem que ele realizou por quase toda a América no final da década de 1940. E foi, paulatinamente, se configurando entre as décadas de 1950 até 1980 em um processo de identificação/diferenciação, que construía os Estados Unidos como *outro* e ao mesmo tempo buscava incorporar o Brasil à ideia de latinoamericanidade.

Nesse processo, Zea se apropriou e ressignificou as proposições de diversos pensadores, estabeleceu contatos com vários intelectuais brasileiros e produziu uma interpretação da história política do Brasil pouco crítica. Mas, ao fim, como vimos, no longo processo de mudança e permanência de suas concepções, conceitos e projetos se manifestou uma interessante dialética entre o real e o dever ser, entre a utopia e a realidade, que produziu um projeto de América Latina em que o Brasil fazia parte.

Recebido em: 17/05/2012
Aprovado em: 13/01/2013